

Os caminhos redescobertos da serra

Álbum luxuoso traz à luz um diário, com fotos, até agora inédito, do brasileiro que acompanhou Lévi-Strauss em sua expedição no Brasil

PAULO ROBERTO PIRES
no.com.br

Entre junho e dezembro de 1938, três franceses e um brasileiro embrenharam-se na Serra do Norte, no Mato Grosso, numa expedição que lançava a luz da antropologia sobre povos e caminhos praticamente virgens. Um dos franceses levou mais de 15 anos para passar para o papel o que viu e viveu. Seu nome, Claude Lévi-Strauss, que se aos 93 anos é sinônimo de antropologia, deve muito a esta viagem, matéria-prima do clássico *Tristes trópicos*. O brasileiro pouco falou e escreveu e, por quase 60 anos, manteve numa casa de vila em Niterói, no Rio de Janeiro, a memória deste percurso mítico.

Graças ao empenho de atentos pesquisadores, Luiz de Castro Faria, 88 anos, deixou modestia e reserva de lado para transformar diários e fotografias em *Um outro olhar: diário da expedição à Serra do Norte* (214 páginas, R\$ 90), livro luxuoso da nova editora Ouro Sobre Azul que transforma documentação em arte para contar o *making of* daquela que, segundo a organizadora Heloisa Maria Bertol Domingues, foi a última expedição etnográfica do século 20.

O contraste entre os dois livros é brutal, e não poderia deixar de sê-lo. Lévi-Strauss inaugurou sua vida de etnólogo com a expedição, mas, ao refletir sobre ela tanto tempo depois, marcou lugar definitivo justamente por quebrar a ortodoxia dos métodos consagrados de documentação. As fotografias que fez, por exemplo, continuam inéditas em sua maioria — foram publicadas parcialmente no livro *Saudades do Brasil* (com o título assim mesmo, em português). *Tristes trópicos* mistura resultados de outras viagens e reflexões sobre a atividade do antropólogo.

Ao ser nomeado representante do governo brasileiro na expedição, Castro Faria parte de São Paulo para Cuiabá para cuidar da logística da viagem. No bolso, um exemplar de *Rondônia*, livro em que Roquette-Pinto, também antropólogo do Museu Nacional, descreve o mesmo percurso. A partir daí, a maior ambição do jovem de 24 anos era avançar no levantamento da região. As fotografias (800 ao todo, 340 no livro) faziam um levantamento completo de geografia, habitações populares e, é claro, documentavam com indisfarçada paixão os índios.

Coordenadora da edição também organizada por Gustavo Sorá e Patrícia Monte-Mór, Heloisa M. B. Domingues falou sobre os docu-

mentos que pesquisa há quase cinco anos e que hoje estão oficialmente doados e preservados no Museu de Astronomia e Ciências Afins, no Rio de Janeiro.

— Qual a diferença básica entre os olhares de Castro Faria e Lévi-Strauss?

— O Castro reproduz basicamente o momento da viagem e Lévi-Strauss interpreta, escreveu muitos anos depois da expedição. Mas os diários deixam ver o instinto do cientista, no que ele aborda há a preocupação de ver as questões antropológicas. Ele registra o trabalho das mulheres e dos homens e, no caso dos índios, o tipo de adorno, o tipo de material que eles usam para fazer estas coisas. No final da via-

gem há a questão da borracha, a documentação de como se cortam as árvores. O material da viagem só foi aproveitado em um trabalho sobre habitações popular. Num outro estudo, *Antropologia ecológica*, que nunca foi publicado, Castro discute as condições dos índios, de alimentação, porque eles eram pobres.

— Em que os diários são singulares na antropologia brasileira?

— Na primeira vez em que falei sobre esse trabalho, numa reunião de antropólogos, disse que se podia considerar os diários como um dos primeiros trabalhos em antropologia social no Brasil. Nos anos 30 a antropologia estava mudando os seus métodos e, de uma metodologia

de análise de dados antropométricos estava começando a se aproximar da etnologia e a se deter na análise social dos grupos, principalmente por influência de Franz Boas, que criou nos EUA uma escola desse método. Assim, eu vejo esse trabalho de Castro Faria situado nessa franja da antropologia que se preocupa com as atividades sociais, como se pode ver nas fotos e comentários do diário sobre as atividades cotidianas dos índios, as construções, a questão da borracha, que não é indígena, a descrição das plantas que serviam para perfume, as plantas de cheiro, de que ele fala numa passagem rápida no final, mas que penso ser significativa, etc. Porém, há ainda no trabalho dele resquícios dessa antropologia tradicional numa passagem onde ele faz uma descrição antropométrica, evidenciando que esse método estava ainda em voga.

— Você escreve que a expedição foi a última do gênero no século 20. Qual ciclo se fecha com ela?

— Apesar de usar métodos modernos, ela se parece com as viagens do século 19, que tinham uma abordagem mais aberta. As tradicionais coletavam plantas, eles fazem experiências com venenos, no século 19 baseavam-se em ilustrações e eles em fotografia. E ainda há a duração longa, seis meses, impensável depois.

— Na medida em que o contato com os índios vai se intensificando, o olhar fica mais carinhoso, às vezes piedoso. É perceptível este envolvimento de Castro Faria com seu objeto de estudo?

— Ele transparece uma sensibilidade da qual não sei se tinha consciência. O instinto do cientista é muito forte, ele tinha 24 anos, estava começando. Não sei se há uma distância maior por parte do Lévi-Strauss, pois suas fotos não foram publicadas. Ele me disse por telefone que o arquivo só vai ser liberado depois de sua morte.

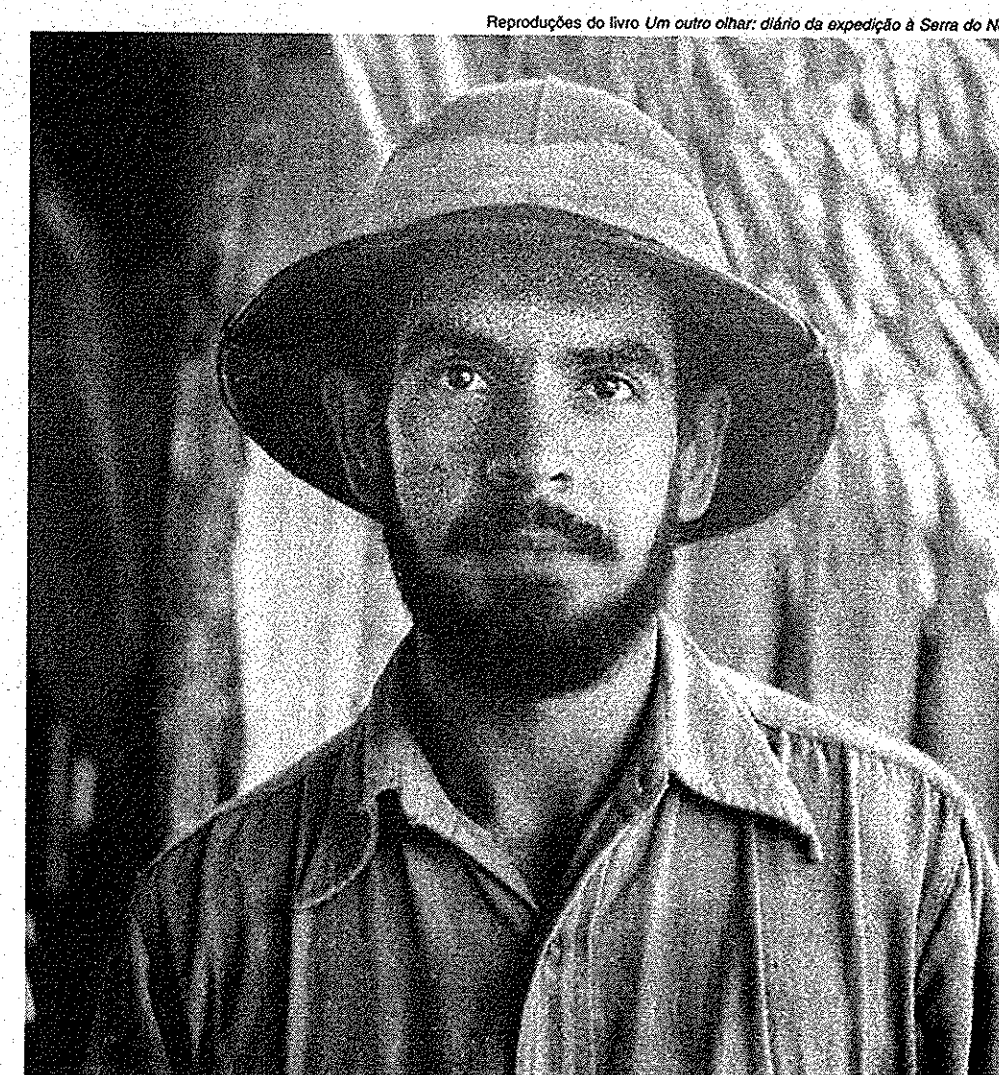
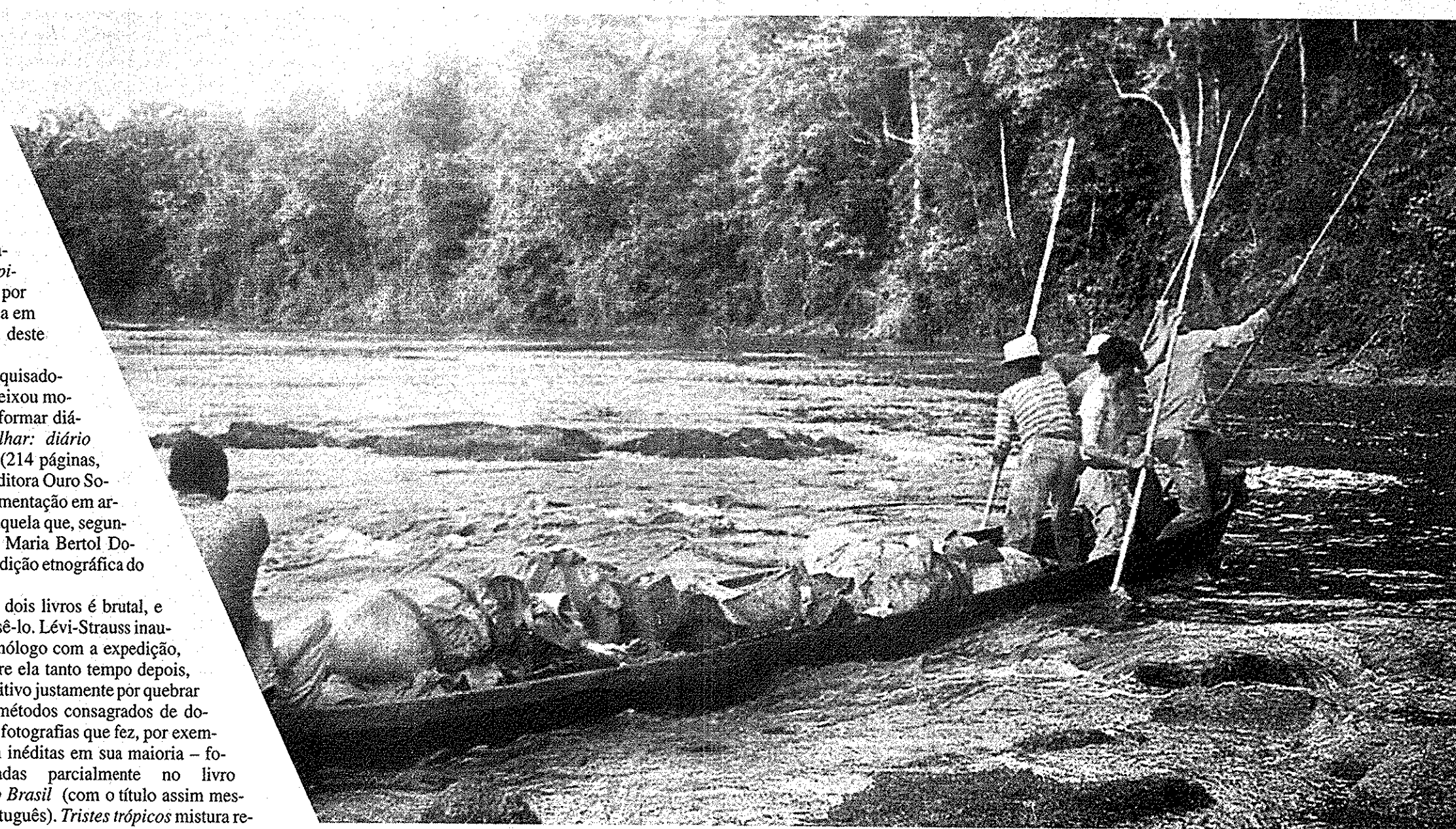
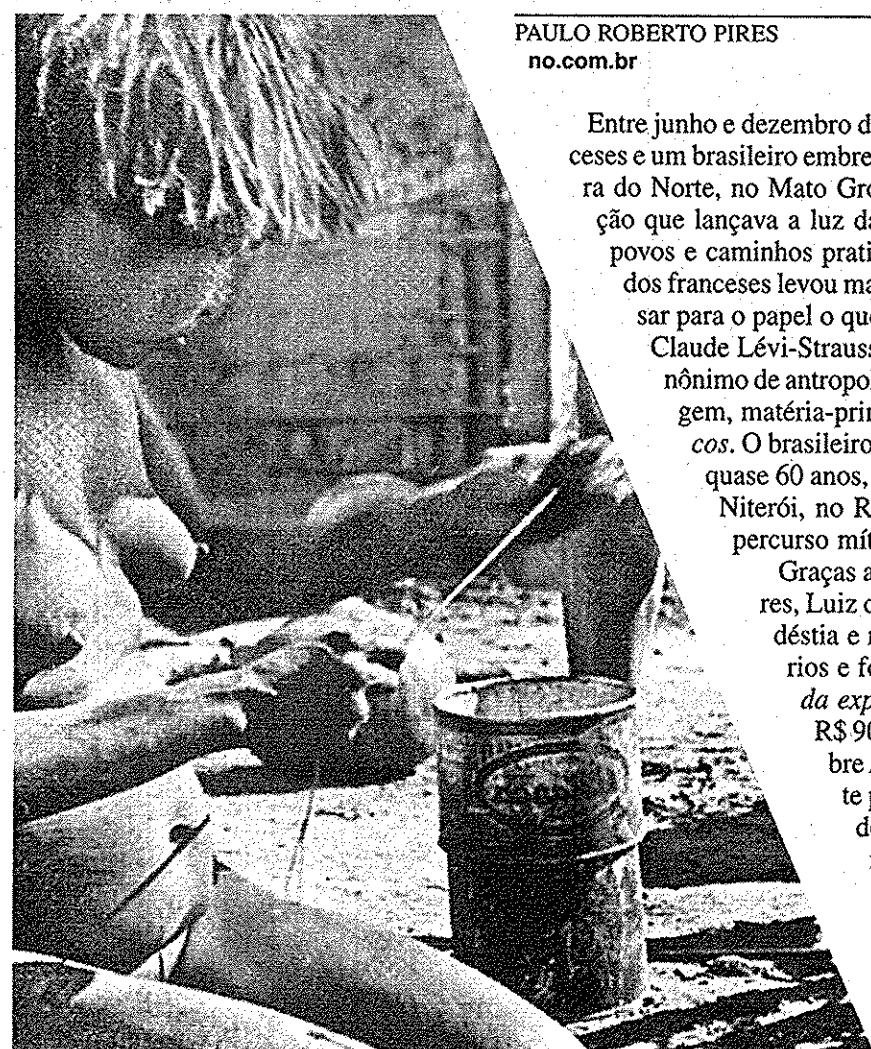
— O que é mais impressionante neste acervo?

— O detalhismo. A expedição é toda documentada por telegramas, que a relatam passo a passo. E ainda as minúcias das fotografias que documentam todos os detalhes. No livro, organizei-as na ordem exata para que se tenha a dimensão do trajeto que fizeram.

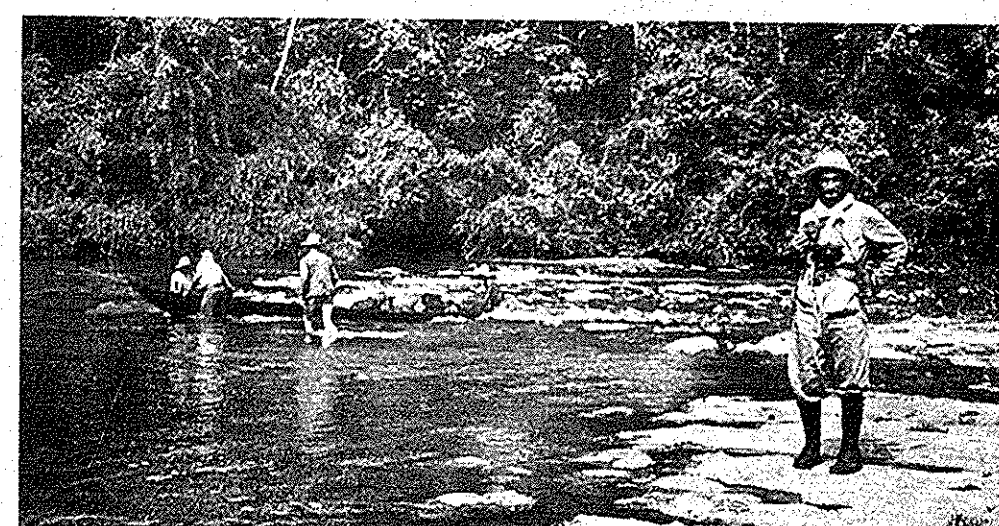
— Por que Castro Faria não publicou seus papéis? O confronto com *Tristes Trópicos* foi inibidor?

— Para ele esta expedição não teve muita importância, dos seis meses de viagem eles só ficaram 45 dias com índios e se objetivo era estudar as tribos, não deu. Eu discordo dele neste sentido, o material é muito rico. Acho que ele se manteve reservado por ter sido imposto à expedição pelo governo brasileiro. Mas no final das contas se deram muito bem e tiveram boa convivência.

Reproduções do livro *Um outro olhar: diário da expedição à Serra do Norte*



A participação do brasileiro Luiz de Castro Faria (acima) na expedição, com Lévi-Strauss (abaixo, na beira do Rio Jaru), foi pouquíssimo divulgada e, modesto e reservado, ele guardou durante décadas o precioso material que tinha em mãos



As moradias dos índios, cuidadosamente documentadas neste diário de expedição, em que foram feitos, além de fotos, desenhos para detalhar com precisão o tipo de material usado em cada construção "exótica" que os antropólogos descobriam em seus caminhos



Paisagens da Serra do Norte encantaram os franceses e também o brasileiro, que registrou as belezas em diversos ângulos